

REVISTA TRICERATA

ISSN: 2675-9349

Nº 07 Outubro, 2021

Punk, Dieselpunk e outros punks



EDITORA CYBERUS

ÍNDICE

- 04 EDITORIAL
- 07 Punk, Dieselpunk, e Outros Punks
Por L.C. Braga
- 14 CONTO "CRUELDADE ANUNCIADA"
Renata Vivacqua
- 15 CONTO "CURIOSIDADE MÓRBIDA"
Vicky F. Moravia
- 16 CONTO "OS RESTOS"
Flávia Bueno Araújo
- 17 CONTO "NA ESCURIDÃO DOS TRILHOS"
Diego Silveira
- 18 CONTO "O VENTO NA JANELA"
Alline Souza
- 19 CONTO "O PESADELO"
Iara Batista
- 20 CONTO "ABRAÇOS"
Emily Abreu
- 22 NOVIDADES E LANÇAMENTOS



EDITORIA CYBERUS



REVISTA TRICERATA

EDITORIAL

A Revista Tricerata chegou!

Uma revista bimensal exclusivamente digital de fantasia, ficção científica e horror. A revista traz o melhor destes três gêneros da literatura fantástica em colunas e conteúdos singulares, desde entrevistas com autores a novidades da editora.

Esta sétima edição traz alguns microcontos, além de uma matéria sobre o subgênero dieselpunk (e outros punks).

Maurício Coelho
Editor-chefe

A Revista Tricerata é uma publicação independente.
Ajude-nos curtindo as redes sociais da editora.
Acesse pelas imagens abaixo:



EXPEDIENTE

Fundador e editor-chefe:

Maurício Coelho

REVISTA TRICERATA

Capa:

Norbert Toth

Design e diagramação:

Ana Ferreira

Todas as imagens utilizadas nesta revista são imagens livres de direito.



Punk, Dieselpunk, e Outros Punks

L . C . B R A G A

Comentar sobre os subgêneros de ficção científica é ao mesmo tempo uma delícia e um grande desafio. A criatividade humana é assombrosa para inventar os mais diversos tipos de mecanismos, ambientes, contextos, fatos, e até mesmo reescrever a própria história.

Esses subgêneros têm recebido o sufixo punk precedido de outros termos, geralmente em inglês, denotando a época ou estilo da sociedade abordada em sua narrativa. Mas antes de adentrar nas características do dieselpunk vamos primeiramente conhecer o seu sufixo.

Em suas origens, o termo “punk” está relacionado àquela pessoa que não quer nada com a vida, sem compromisso, que vive à margem da sociedade. Ou seja, trata-se de um termo pejorativo usado para xingar seus desafetos.

Mas eis que na Inglaterra dos anos 1970 ganha força o movimento artístico revolucionário de contracultura de mesmo nome: o movimento PUNK. Tal movimento foca principalmente na rejeição do *status quo*, numa eterna briga contra o autoritarismo, bastante influenciado pelos ideais anarquistas. Buscava a individualidade e a própria independência e eram o antônimo do movimento hippie.

Seus adeptos possuíam um sentimento de pessimismo, revolta, ira, rebeldia, e principalmente retratavam sua insatisfação com sistema político-social do mundo. Tais críticas são abordadas principalmente no jeito de vestir, ao usar roupas rasgadas; nos cabelos discricionariamente fora do padrão e pintados com cores fluorescentes; e nas músicas de

protesto de bandas *rockpunk* como Sex Pistols, The Ramones, The Clash dentre diversos muitos outros.

Em nossa perspectiva literária, os primórdios do gênero punk traziam toda essa carga contracultural antissistema vigente. É essa a espinha dorsal do dos subgêneros com sufixo *punk*. Histórias onde personagens vivem marginalizados e que acabam por subverter a ordem de onde se encontram, geralmente contra algo poderoso que controla a forma como as pessoas vivem e convivem e que tentará impedir qualquer tipo de rebelião.

Com a evolução do gênero, o sufixo passou não apenas a designar a contracultura, mas também a estética a ser apresentada. Assim, a primeira parte cuida de estabelecer o estilo do cenário, figurino, as regras societárias e principalmente a tecnologia e design usados na narrativa, pouco importando a época em que eles se passam.

Aqui precisamos abrir um parêntese.

Ao escrever uma história, independentemente do gênero ou estilo, o escritor deve se preocupar com três pilares a

saber: 1) os personagens; 2) o enredo; e 3) o ambiente ou cenário. Pode-se considerar um quarto pilar como sendo o tempo ou cronologia da história, mas este escriba considera como parte intrínseca do enredo.

Assim, os personagens devem ser cativantes, verossímeis e essencialmente humanos para que o público consiga se identificar com eles. O enredo deve instigar a curiosidade, buscando sempre responder à pergunta “ e o que acontecerá agora?”. E o cenário cuida do espaço onde as coisas do enredo acontecem e onde os personagens estão posicionados. É a interação entre esses três elementos, com suas ações e reações entre si, que faz surgir sua história.

Vários escritores cometem o erro de cuidar apenas de um desses pilares ao confeccionar suas histórias, dando mais atenção aos personagens do que ao enredo, ou o contrário, mais ao enredo do que ao personagem. Ou pior, se preocupam mais em descrever os cenários do que tratar do enredo e seus personagens. Enfim, uma boa história precisa ter esses

elementos de forma equilibrada e harmônica para que se possa funcionar e capturar o leitor e não o deixar fugir até que ele termine de ler seu livro.

Fechado o parêntese, o termo anterior ao punk designa especialmente o cenário do enredo que o personagem está vivenciando. Perceba que falo de cenário e não de época. Por quê? Justamente porque a classificação de uma obra nesses subgêneros não depende da época e sim da tecnologia usada. Destarte, o cenário descrito terá forte relações com a época a que se refere, mas não necessariamente ocorre nesse mesmo período de tempo. Em outras palavras, a obra pode se ambientar num futuro ou passado alternativo, mas com a estética do período considerado. É por isso que os gêneros literários punk são também chamados retrofuturistas.

Entendido a etimologia, O tema de nosso texto, o dieselpunk apresenta estética e tecnologia com maquinários movidos por motores à explosão. Tem uma visão suja devido a graxa e ao óleo queimado dos motores. Muito aço e cromo com parafusos gigantescos. Trata-se de uma estética muito belicista em virtude das grandes guerras.

O período fica entre a primeira e segunda guerra, porém mais focado na própria guerra mundial. Por conta disso, geralmente o nazismo está presente.

As tecnologias atuais podem ser apresentadas com a estética do período entre guerras, em especial a segunda Guerra mundial, por isso, muitas vezes o nazismo tem forte presença e com uma visão mais pessimista que seu irmão caçula, o decopunk. Enquanto o diesel se preocupa mais com um ambiente bélico, O decopunk tem uma visão mais limpa e positiva, e ambientada em cidades com arquitetura do estilo dos anos 20 ao 50 de New York, Chicago ou Boston.

Como exemplos de dieselpunk temos o game: Wolfstein: new order, o livro “homem do castelo alto” de Philip K Dick e a série de mesmo nome, os quadrinhos do capitão américa durante os anos 1940 e o filme “capitão américa: o primeiro vingador(2011).

E como exemplo de decopunk temos os quadrinhos do “Dick Tracy”, a Graphic Novel de 1982 “Rockteer” e o seu filme de 1991, “O Sombra” quadrinhos de 1930 e o filme de 1994, e o desenho

animado “Batman: The Animated Series”.



Uma boa maneira de saber como se trabalhar entre os gêneros é compreender sua interrelação com os outros. Assim, conhecer os períodos em que se encaixam os subgêneros se torna essencial. Para isso segue uma linha de tempo bem simples com esse objetivo:

Stonepunk: trata de ambientes que remetem a idade da pedra. Como exemplo temos o desenho animado “Os Flintstones” e o livro “A Terra que o Tempo Esqueceu” de Edgar Rice Burroughs, “Ayla, A Filha das Cavernas” de Jean M. Auel, “Campo de Batalha Terra” de L. Ron Hubbard

Sandalpunk(e seus subgêneros ironpunk, bronzepunk): sociedades baseadas na Grécia ou Roma antiga.

o filme “Fúria de Titãs” e o desenho “Os Muzzarellas”.

Middlepunk(e seus subgêneros castlepunk, candlepunk, plaguepunk, dungeons punk): sociedades baseadas na idade média. Exemplo: “O Livro do Juízo Final” de Connie Willis, a série “Game of Thrones” de George R.R. Martin, “As Brumas de Avalon” de Marion Zimmer Bradley

Clockpunk: apresenta estética e tecnologia com maquinários movidos a corda, baseando-se a sociedade no período renascentista, configurando entre os séculos XIV e XVII com o apogeu no século XV.

Steampunk: apresenta estética e tecnologia com maquinários movidos a vapor baseando-se a sociedade no período da revolução industrial e da Inglaterra da era vitoriana, do século XVII até início do século XX.

Teslapunk: apresenta estética e tecnologia com maquinários movidos a energia elétrica. Muita bobina, eletricidade, arco voltaicos, baterias com funções anacrônicas ao período, porém com design do final do século XIX, inspirado nos projetos de Nikolas Tesla.

Dieselpunk: apresenta estética e tecnologia com maquinários movidos por motores à explosão. Trata-se de

uma estética belicista ambientada principalmente nas grandes guerras.

Decopunk: é um subgênero do dieselpunk. De forma simples pode-se dizer que é o mesmo dieselpunk, mas com um visual mais limpo e focado no período entre guerras e não na própria guerra.

Raypunk: apresenta estética e tecnologia com maquinários futuristas principalmente com arma de raios. A grande diferença trata-se de histórias com cenários espaciais e grandes aventuras galácticas com viés mais exploratório do desconhecido. Trata-se da perspectiva de futuro na visão da sociedade entre os anos 1910 e 1930. Como exemplo temos a serie fundação de Issac Asimov, Buck Rogers, Flash Gordon, Perry Rhodan, Barbarella, "Perdidos no Espaço".

Atompunk: com o advento da bomba atômica nos anos 40 houve uma profusão de ideias usando a energia nuclear como força motriz da sociedade. Ambientada principalmente de 1945-1965. Tem uma perspectiva mais sombria. Exemplos: Dr. Fantástico, Watchmen, "Viagem ao Fundo do Mar".

Transistorpunk e cassetepunk: se posiciona entre o atompunk e o cyberpunk. O transistorpunk

ambientado nos anos 1970, e o cassetepunk nos anos 1980. Da mesma forma que os outros, possui desenvolvimento de tecnológico futurista, mas com estética dos anos 70 (transistor) e 80 (fitas magnéticas/ fita cassete). A guerra fria sempre está presente como plano de fundo. Exemplos: "O Enigma de Andrômeda" (1971), "Jogos de Guerra" (1983).

E essa linha de tempo vai longe, e nem se esgota. Podendo misturar temáticas punks para criar novas, como por exemplo o Elfpunk que se pode dizer que é uma mescla de senhor dos anéis com cyberpunk. Mas isso é assunto para uma outra oportunidade.



Para saber mais;

Links:

<https://lucassuzigan.medium.com/stonepunk-uma-rebeli%C3%A3o-pr%C3%A9-hist%C3%B3rica-4927618e1a5>

<https://lucassuzigan.medium.com/abram-caminho-para-plaguepunk-bronzepunk-e-stonepunk-4d0eb4fbe81a>

<https://lucassuzigan.medium.com/dieselpunk-para-iniciantes-bem-vindo-a-um-mundo-onde-os-anos-40-nunca-terminaram-4610bf4b27b>

<https://lucassuzigan.medium.com/por-que-o-decopunk-merece-ser-maior-que-o-steampunk-c77e4dc6f0a>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Dieselpunk>

<https://www.updateordie.com/2020/10/15/all-punks-cyberpunk-e-seus-subgeneros/>

<https://viltoreis.com/generos-punk/>

[https://escritaselvagem.com.br/carreira-literaria/guia-de-generos-punk-na-ficcao/;](https://escritaselvagem.com.br/carreira-literaria/guia-de-generos-punk-na-ficcao/)

<https://www.significados.com.br/punk/>

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-o-movimento-punk/>

https://en.wikipedia.org/wiki/Cyberpunk_derivatives#Decopunk

No Youtube

Playlist de “mundo punk” do professor Alexandre Meireles

https://www.youtube.com/watch?v=5wWweScMYNY&ab_channel=Fantasticursos

Exemplo de Dieselpunk

https://www.youtube.com/watch?v=BlvfqfGTar4&ab_channel=BethesdaSoftworks

Exemplo de Sandalpunk

https://www.youtube.com/watch?v=3vO7GD8AaFA&ab_channel=Antigamente

L.C. Braga é um carioca naturalizado cearense. Mora em Fortaleza, escreve contos, livros, roteiros para audiovisual, quadrinhos e jogos para celular. Possui bacharelado em Direito e especialização em Comunicação Social. Criou a revista em quadrinhos “Direito Constitucional em Quadrinhos”. Instagram: [@luizclaudiobraga](https://www.instagram.com/@luizclaudiobraga); Twitter: [@luizclaudiobrag](https://www.twitter.com/@luizclaudiobrag)



CRUELDADE ANUNCIADA

Renata Vivacqua

Queimou as formigas que passavam perto de seus olhos até a caixa de fósforos ficar à míngua. Esturricou um batalhão, arrebitando o nariz feioso, guerreando com fósforos catapulcos e fungando satisfeito o seu feito napoleônico. Para cada formiga uma sentença.

O odor defumado, virou seu incenso preferido, em todos os seguintes cafés da manhã no jardim da casa de infância, vazia pelo tempo de conseguir uma reclamação pro serviço de atendimento ao consumidor da franquia.

Renata Vivacqua nasceu em Brasília, DF. É educadora, cozinheira e escritora. Vive no nordeste goiano. Inventava histórias miúdas para distrair, provocar e divertir grandes leitores.

CURIOSIDADE MÓRBIDA

Vicky F. Moravia

Léo voltava para casa pedalando pela estrada. Escutou um estrondo, olhou para trás e viu que um acidente havia acontecido. A curiosidade o consumiu: “Quem será que é?”, pensou.

Então, ele pedalou até o incidente onde uma multidão começava a se aglomerar. Esgueirou-se no meio do bando de gente, viu um corpo degolado por uma carreta. Ao olhar ao seu redor se espantou, pois, a bicicleta e a roupa do morto eram iguais à sua.

E ao procurar pela cabeça, viu o seu próprio rosto sem vida nela.

Vicky F. Moravia escreve contos e poesias de gêneros variados como o terror e o drama familiar. Para saber mais sobre suas publicações: Instagram @vickyf.moravia

OS RESTOS

Flávia Bueno Araújo

O cheiro que vinha da cozinha era inebriante. O homem estava apoiado em sua bancada tomando alguns goles de vinho barato e abastecendo seu saco de lixo. Fazia quase uma semana que comia somente uma espécie de ensopado de frango. Ele chegava do escritório, tomava um banho rápido e sem demora começava a preparar o jantar. Jogava fora: cabeça, pés, pele e intestino. Naquele dia, estava cansado e fora dormir logo após a refeição. Mais ou menos às três e meia da manhã, abriu os olhos devagar e, não sabia se era sonho ou realidade, mas se deparou com uma criatura gigante semelhante a uma ave com olhos vermelhos penetrantes e o seu corpo era formado por restos de carne podre e ossos. Depois de quatro dias, arrombaram seu apartamento devido a reclamações de mau cheiro e só encontraram um fêmur ensanguentado entre os lençóis.

Flávia Bueno Araújo estuda Jornalismo. Ganhou alguns prêmios de poesias e pretende lançar seu primeiro livro de contos em breve. Adora cinema e literatura de horror.

NA ESCURIDÃO DOS TRILHOS

Diego Silveira

Em uma manhã, desci correndo as escadarias da estação, mas não a tempo de pegar meu metrô das sete.

Porém, ao invés de prosseguir, o metrô ficou parado ali, de portas fechadas.

Instintivamente, olhei para baixo e, naquele pequeno vão entre a plataforma e o vagão, pude notar um só olho me observando. Não se via mais nada ao redor, apenas aquele olho fixo e brilhante em mim, sem piscar.

Atônito, resolvi agachar-me para analisar a situação mais de perto.

— Ei, o que você está fazendo aí? Olá?

Outros olhos se desabrocharam pelo vão, talvez centenas deles, espalhados pela escuridão. O metrô apitou e logo todos os olhos se fecharam. Rapidamente me levantei, e pacientemente esperei os vagões deixarem a estação.

Não havia mais nada no vão, agora todo iluminado. Só me restava esperar pelo próximo metrô, observando trilhos que não se interessavam por mim.

Diego Silveira, durante a adolescência, editava fitas VHS de ação e horror para poder criar suas próprias histórias. Hoje trabalhando com cinema e TV já não consegue mais viver sem contar histórias.

O VENTO NA JANELA

Alline Souza

Monica despertou, ainda desorientada e tomada por um cansaço tão profundo que mal se lembrava da noite anterior. Ou de qualquer coisa que pudesse lhe trazer alguma explicação sobre o porquê de sentir-se tão indisposta e sufocada. Abriu os olhos com dificuldade, entretanto não conseguiu enxergar nada.

Tudo era escuridão. Um ruído vindo do lado de fora a incomodava. Lembrava-lhe do vento tocando os galhos da árvore vizinha à sua janela. Respirou fundo, tossiu, e reuniu forças para se levantar. Ao tatear suas cercanias ela finalmente se deu conta de onde estava. As memórias aos poucos a atingiram como um raio e ela percebeu o grito se formando no fundo de sua garganta. Não era o inverno chegando e tentando fazer morada em seu quarto: aquele som persistente era a terra caindo sobre o seu caixão.

Alline Souza trabalha com administração e no tempo livre dedica-se à escrita. Está presente em contos soltos e em diversas antologias, no meio de piratas, vampiros, ladrões, assassinos em série, amores passados e até lendas japonesas.

O PESADELO

Iara Batista

Vou contar uma história, uma história de assustar...

Era noite de lua cheia, eu caminhava sozinha na rua escura e deserta. De repente, vi uma sombra entre as árvores, parei muito assustada e segui por outro caminho. Meu coração estava saltitante e o medo tomava conta de mim, sentia que algo maligno me seguia, mas ao olhar para trás... nada! Não havia ninguém, mas, ao retornar a cabeça para frente, vi aquele vulto preto, aquele ser horripilante com roupas velhas, longas e negras diante de mim, seus olhos eram vermelhos como o fogo, e seu rosto desfigurado como de um morto: — Ahhh! – Um grito de horror eu dei!

Iara Batista é acadêmica de Letras (licenciatura em língua e literatura espanhola e portuguesa) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2015/2). Bolsista de Iniciação Científica em Literatura de línguas modernas e tradução.

ABRAÇOS

Emily Abreu

Nos conhecemos ainda na infância, ela veio morar ao lado de minha casa.

Uma menina poucos meses mais velha que eu, na verdade eram exatamente seis meses de diferença. E, desde a sua chegada, nos tornamos grandes amigas. Éramos inseparáveis, estávamos sempre juntas, dividindo alegrias e tristezas.

O abraço sempre foi a nossa forma de exteriorizar o amor. Abraçávamos para demonstrar a nossa parceria. Mas agora, percebo que algo está mudando. Hoje sinto calafrios todas as vezes que ela me abraça, percebo que os pelos do meu corpo ficam arrepiados, além da falta de ar e do nó que aperta em meu peito. E os abraços dela que antes eram quentes, começaram a ser álgidos, um pouco desagradáveis, atormentadores e até tenebrosos, mas sei que tudo mudou desde o dia de sua morte.

Emily Abreu é graduada em Letras – Espanhol, e atualmente, é pós-graduanda de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura. É autora de contos publicados em antologias, e desde 2015 compartilha sua relação com os livros através de seu blog *Livrofilia*.



NOVIDADES E FUTUROS LANÇAMENTOS

Este mês estamos de aniversário! Em outubro, comemoramos um ano de *Revista Tricerata* e do podcast Território Cyberus, disponível nas principais [plataformas de áudio](#). Caso tenham alguma sugestão de assunto que vocês queiram conversar e/ou ouvir manda pra gente! Como sabem, estamos sempre correndo atrás de conteúdos novos.

Lançamos a **Associação Brasileira de Ficção Científica e Fantasia (ABFCF)**. Você pode conhecer a ABFCF [clikando aqui](#).

Mensalmente, estamos lançando campanhas de financiamento coletivo. Quero agradecer a todas as pessoas que estão nos ajudando na divulgação. Como sabem, nosso alcance ainda é pequeno. Graças ao *crowdfunding* conseguimos publicar a antologia *Amazofuturo: histórias amazofuturistas*. Gostaria de agradecer em especial ao escritor Mateus Braga e ao editor Justine Kerston por terem alavancado lindamente o projeto.

É isto, pessoal. Obrigado novamente por ter lido até aqui e nos vemos em breve!

É isto. pessoal. Obrigado novamente por ter lido até aqui e nos vemos em breve!